

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262. Caixa Postal 22.
26000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada, Petrópolis, RJ.

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

MILAGRE BRASILEIRO, O MAUSOLÉU DO SUOR DOS POBRES

O milagre econômico brasileiro, que atende aos interesses de uma minoria, é o processo de espoliação, é a história do arrocho salarial. As grandes usinas e as grandes rodovias, símbolos de um "Brasil Grande", tornam-se o mausoléu onde está enterrado o sangue do povo, e símbolo vivo de sua opressão. Os grandes latifúndios, da mesma forma, tornam-se os sinais vivos das novas maneiras de escravidão dos trabalhadores rurais, de expulsão dos posseiros e pequenos produtores de suas terras. Sob o nome de integração do índio, efetivam-se a destruição e a dispersão de um povo.

No sistema capitalista subdesenvolvido e dependente que caracteriza a América Latina, a migração apresenta-se como uma necessidade, para que este sistema seja dinamizado. A migração age, então, através de uma dupla: a espoliação, que expulsa o povo de sua terra, concentrando a terra em poucas mãos, e a exploração, que aproveita as forças de trabalho assim disponíveis.

Como vimos, o fenômeno gigantesco e colossal das migrações não é fruto de opções livres nem do direito fundamental de ir e vir. Elas são provocadas pelo modelo concentrador de rendas, às custas do arrocho salarial. Pressionado pelo sistema, o povo abandona o campo às grandes empresas e vai para a cidade, engrossar o exército infinito da mão-de-obra rotativa e barata. Sobre isso, diz a *Igreja e Problemas da Terra*, da CNBB:

"Os que não conseguem resistir a essas diferentes pressões e agressões não conseguem continuar como posseiros, colonos, parceiros, arrendatários, moradores; transformam-se em proletários, em tra-

balhadores à procura de trabalho, não só no campo mas também na cidade. É sabida a situação dos trabalhadores avulsos, em amplas regiões do país, conhecidos como bóias-friás em São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás; ou "volantes" na Bahia e em outras regiões; ou como "clandestinos" em Pernambuco.

As oportunidades de emprego para esses trabalhadores são sazonais, o que os impede de trabalhar todos os meses do ano. Para atenuar as dificuldades que enfrentam, aceitam deslocar-se para grandes distâncias, levados pelo "gato", longe da família, sem qualquer direito trabalhista assegurado. Trabalhadores de São Paulo são encontrados, em certas épocas do ano, trabalhando no Paraná ou em Minas Gerais.

Mais grave ainda é a situação dos peões, na Amazônia Legal. São trabalhadores sem terra, recrutados pelos "gatos" em Goiás, no Nordeste e mesmo em São Paulo, e depois vendidos como uma mercadoria qualquer aos empreiteiros encarregados do desmatamento. O "gato", como é conhecido em amplas regiões, opera como um agenciador de trabalhadores.

Geralmente, possui ou aluga um caminhão para transportar os peões, recrutando-os sob promessas de salários e regalias que não serão cumpridas. Como não há nenhuma fiscalização, quanto mais o trabalhador se aproxima do local de trabalho, mais longe fica de qualquer proteção ou garantia quanto aos seus direitos trabalhistas. Não é diferente a situação de muitos trabalhadores rurais, nas outras regiões do país, quanto a estes direitos".

DO REINO E SUA JUSTIÇA

CARTAS DE LEITORES

- São muitas e constantes as cartas de nossos leitores e assinantes. Na impossibilidade de publicá-las todas ou na íntegra, sentimos necessidade de passá-las adiante como incentivo e pista. Primeiramente para nós que trabalhamos em *A Folha*. Somos-lhes gratos, irmãos.
- "Em virtude de *A Folha* nos estar ajudando muito, eu gostaria que fosse feita uma modificação em nosso pedido. Anteriormente pedímos dez exemplares. Queremos de agora em diante trinta exemplares por mês" (Teresina, PI).
- "Achei excelente vossa publicação litúrgica *A Folha* que por um acaso caiu em minhas mãos. Por isso solicito, se for possível, seja enviado um ou alguns exemplares de cada semana para mim pessoalmente ao endereço abaixo.

Inclusive ficaria muito grato se pudesse receber um exemplar das publicações já feitas no passado, pelo menos de algum tempo para cá. Solicito que sejam enviados sempre com antecedência, para poderem ser aproveitados nos domingos" (Santo Ângelo, RS).

• "Há poucos dias tive a felicidade de tomar conhecimento da *Folha*. Achei um subsídio riquíssimo para a Missa. Por isso mesmo venho solicitar-lhe seis assinaturas" (Ponta Grossa, PR).

• Os originais estão na redação. Agradecemos. Na medida do possível atendemos pedidos e sugestões. E comunicamos que a tendência atual de *A Folha* é ultrapassar os trinta mil exemplares. Graças a Deus.

IMAGEM DO CORAÇÃO LARGO

1. Culpados? Ninguém. Ou...? Ninguém. O resultado aí está: um carro espatifado. Num hospital Pedro lutando com a morte. Noutro hospital Angélica, as duas pernas amputadas, lutando com a morte. Em casa Lídia, Miguela e Alexandra, dois, quatro, seis aninhos, espantadas com a ausência de Papai e de Mamãe, inocentes de olhos grandes, límpidos, inocentes. Pedro sente que a maior tragédia está por vir: a sorte das três meninhas. Sem pai, sem mãe. Está certo de que Angélica já morreu. Ainda não, Pedro, mas...

2. Pedro, lutando com o desespero, manda chamar a vizinha, a boa vizinha de sempre, a boa amizade. Aí uma última esperança. Célia, a vizinha, atende e vai. Célia, um meu último pedido: tome conta das meninas, não deixe elas irem para o orfanato. Você toma conta? Célia não consulta o marido, não pensa nas quatro filhas (uma já adotiva), não pensa no peso de mais três criaturinhas dentro de casa, não pensa na luta da vida, não pensa em nada: a gente leva elas, sim, Pedro. Na mesma tarde Pedro morre. Morre feliz.

3. Horas depois morre também Angélica. Três pares de olhos inocentes, límpidos, profundos acompanham a partida de Papai e de Mamãe. Não entendem. Não podem entender. É uma festa, filhinhas? Elas só esperam cantar parabéns. Ninguém canta? Cantam sim quando chegam à casa de Célia e de Américo, quando começam a brincar com Susana, Alexandra, Cristina e Vera — as novas irmãzinhas. O amigo balança a cabeça: Mas, Américo... mas, Célia... Os dois riem, para dizer que a casa cabe, porque o coração cabe. (A. H.)

17º DOMINGO DO TEMPO COMUM (27-07-1980)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.
Cânticos: MISSA SERTANEJA, Marino C. de Moraes, Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

 1. Subiremos à Casa sagrada,
revivendo os mistérios da cruz /
no altar onde o Pai fez
morada e se imola o seu Filho Jesus.
Mensageiro da paz e verdade, anunciando
o brado profundo / nesta fé que faz
nossa unidade, sol e luz para os povos
do mundo.

2. Aqui os teus filhos se reúnem, rece-
bendo os favores do céu / deste pão e
vinho que assumem, em verdade, a vida
de Deus.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai que nos criou, em
nome do Filho que nos remiu, em nome
do Espírito Santo que nos santifica.
P. Amém.

S. Irmãos, a graça de Deus esteja com
todos vocês, que amam nosso Senhor
Jesus Cristo com fidelidade inabalável.
P. Bendito seja Deus que nos reuniu no
amor de Cristo / e no amor de nossos
irmãos.

3 SENTIDO DA MISSA

C. Há duas semanas, foi-nos dito que
fé cristã é preocupação com o próximo
necessitado; domingo passado, fé cristã
foi definida como abandono do ativismo
e centramento em Deus. A missa de hoje
aponta a síntese entre engajamento ati-
vo e entrega confiante a Deus: a oração.
Oração cristã está intimamente unida a
Deus e à ação. Não é meio de reduzir
Deus a bem de consumo, a remédio infantil
da própria insuficiência, a sucedâneo de nossa preguiça. Não é meio de
transferirmos a Deus nossas responsabi-
lidades. Não é diálogo intimista e subjetivo
para as horas de aperto, mas ligação
da história com Deus. Através da
oração, a atividade cria sentido e a en-
trega confiante deixa de ser passividade.
Oração cristã é resposta ao Deus que se
revela e fala, é ação de graças pelos
grandes eventos que Deus cumpre com
seu povo. É o único remédio contra o
ativismo desesperado ou contra a entre-
ga passiva e omissa.

4 CELEBRAÇÃO DO PERDÃO DE DEUS

S. Irmãos, examinemos como tem sido
nossa oração. Fazemos de Deus objeto de
nosso consumo? Temos usado a ora-
ção como remédio fácil de nossa própria
insuficiência? Sucedâneo de nossa pre-
guiça? A oração tem sido, para nós, meio de transferirmos a Deus e aos
santos nossa responsabilidade? Chamamos
engajamento evangélico nosso ati-
vismo desesperado e desligado de Deus?
Chamamos de entrega confiante nossa
passividade e desengajamento? (Pausa).
S. Senhor, que oferecestes a Pedro arre-
pendido o perdão de seu pecado, tende
piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, que prometestes o vosso pa-
raíso ao bom ladrão arrependido, tende
piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, que destes aos apóstolos vosso
Espírito para a remissão dos pecados,
tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão
de nós, perdoe os nossos pecados e nos
conduza à vida eterna. P. Amém.

5 PROCLAMAÇÃO DOS LOUVORES DE DEUS

S. Glória a Deus nas alturas,
P. e paz na terra aos homens por ele
amados. / Senhor Deus, Rei dos céus,
Deus Pai todo-poderoso, / nós vos lou-
vamos / nós vos bendizemos / nós vos
adoramos / nós vos glorificamos / nós
vos damos graças por vossa imensa gló-
ria. / Senhor Jesus Cristo, Filho uni-
gênito, / Senhor Deus, Cordeiro de Deus,
Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o
pecado do mundo / tende piedade de
nós. / Vós que tirais o pecado do
mundo / acolhei a nossa súplica. / Vós
que estais à direita do Pai / tende pie-
dade de nós. / Só vós sois o Santo /
só vós o Senhor / só vós o Altíssimo,
Jesus Cristo, / com o Espírito Santo, na
glória de Deus Pai. Amém.

6 ORAÇÃO DO DIA

S. Oremos: Ó Deus, vós sois o amparo
dos que em vós esperam; sem vosso
auxílio, ninguém é forte, ninguém é
santo; conduzi-nos por vossa palavra e
ajudai-nos com vossa graça, para que
usemos os bens que passam sem nos per-
dermos dos bens que não passam. Por
nossa Senhora Jesus Cristo, vosso Filho,
na unidade do Espírito Santo.
P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA

 C. A 1ª leitura é tirada do Livro
do Gênesis (18,20-32). Abraão
negocia com Deus a salvação da
cidade. Deus se agrada da oração de
Abraão, pois ele não pediu egoisticamen-
te para si.

L. Leitura do Livro do Gênesis: «O
Senhor Deus falou: «É imenso o
clamor que se eleva de Sodoma e
Gomorra e seus pecados são muito
grandes. Vou descer para ver se
suas obras correspondem realmente
ao clamor que chegou até mim; se
assim não for, ficarei sabendo». Então
os homens partiram na di-
reção de Sodoma e Abraão ficou
na presença do Senhor. Abraão
aproximou-se e disse: «É certo que
vais exterminar o justo junto com
o pecador? Existem pelo menos
uns cinquenta justos dentro da
cidade. Será que vais acabar com
todos eles e não perdoarás a cida-
de, em atenção aos cinquenta jus-
tos que pode haver por lá? Sei que
estás longe de proceder assim, de
permitir que o bom seja tratado
em pé de igualdade com o mau.

Ou será que o Juiz de toda a terra
não estaria de acordo com o que
é justo?» O Senhor Deus disse:
«Se eu encontro cinquenta justos
na cidade, perdoarei o lugar todo
em atenção a eles». Abraão retru-
cou: «Sei que é pelo menos atre-
vimento falar a meu Senhor, eu
que sou pó e cinza; mas se, para
os cinquenta justos, faltarem cinco,
destruirás a cidade por causa dos
cinco que faltam?» O Senhor Deus
respondeu: «Não a destruirei, se
nela houver quarenta e cinco ho-
mens justos». Abraão continuou:
«E se só se encontrarem ali qua-
renta justos?» O Senhor Deus res-
pondeu: «Nada farei à cidade, em
atenção a esses quarenta». Abraão
insistiu novamente: «Meu Senhor,
não se aborreça, se torno a insis-
tir: e se não houvesse lá mais que
trinta justos?» O Senhor Deus res-
pondeu: «Não prejudicarei a cida-
de, se lá encontrar trinta justos». Abraão continuou: «Sei que é ousa-
dia de minha parte falar assim ao
meu Senhor, mas se se encontram
lá apenas vinte justos?» O Senhor
Deus respondeu: «Não destruirei
a cidade, em atenção aos vinte». Abraão
continuou: Meu Senhor, lhe peço, não se irrita, agora vou
falar a última vez. Talvez não se
encontrem ali mais do que dez
justos». O Senhor Deus respondeu:
«Em atenção a esses dez, não des-
truirei a cidade». — Palavra do
Senhor. P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

1. Meu corpo suado, no corpo cansado,
já dilacerado e ao peso esmagado, eu
levo uma cruz. / Pedras no caminho,
tropeço sozinho, só tenho o carinho da
coroa de espinhos, meu nome é Jesus.
2. Você ao meu lado, vencendo o pecado,
por mim resgatado, sou o Ressuscitado,
me chamo Jesus. / Missão encerrada,
Palavra anunciada, pra ser praticada e
ao mundo levada, na glória da cruz.

9 SEGUNDA LEITURA

C. A 2ª leitura é tirada da Carta de São
Paulo aos Colossenses (2,12-14). Espírito
de boa oração é sentir-se ligado à vida
de Cristo, à morte de Cristo, à resurrei-
ção e à missão de Cristo.

L. Leitura da Carta de São Paulo
aos Colossenses: «Irmãos, pelo bat-
ismo vocês foram sepultados com
Cristo. No batismo, vocês foram
ressuscitados, porque creram no
poder de Deus que ressuscitou
Cristo de entre os mortos. Vocês
estavam mortos em seus pecados
e porque não estavam circuncidados
em seu corpo. Mas agora Deus
deu a vocês a vida junto de Cristo.

Ele perdoou nossas faltas, cancelou nossa dívida e nossa condenação, escrita nos mandamentos da Lei. Ele supriu nossa condenação, cravando-a na cruz de Cristo». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia!
“Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos” — disse Jesus.

11 TERCEIRA LEITURA

C. A 3ª leitura é tirada do Evangelho de São Lucas (11,1-13). A oração que Cristo ensina está ligada a Deus, está ligada à história do povo, está ligada aos reais problemas de cada pessoa.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas.

P. Glória a vós, Senhor.

S. «Um dia, Jesus orava em certo lugar. Finda sua oração, um dos discípulos lhe pediu: «Senhor, ensina-nos a orar assim como João ensinou os seus discípulos». Jesus lhes disse: «Quando rezam, vocês digam assim: «Pai, teu nome seja santificado, venha o teu Reino, dá-nos nosso pão de cada dia, perdoa nossos pecados pois nós também perdoamos ao que nos deve, e não nos deixes cair na tentação». Jesus lhes disse também: «Suponham que algum de vocês vá, à meia-noite, até a casa de um amigo para pedir-lhe: «Amigo, empresta-me três pães, pois chegou um amigo meu de viagem e não tenho nada a oferecer-lhe». Mas o outro responde lá de dentro: «Não me incomodes, a porta está trancada e meus filhos já estão deitados: não posso levantar-me para te dar os pães». Eu lhes digo que, se o de fora continua batendo, por fim o outro se levantará e atenderá o outro. Se não o faz por ser amigo, terminará dando tudo o que o outro precisa, para que não fique lá importunando. Pois bem, eu lhes digo: peçam e receberão, busquem e acharão, batam e a porta se abrirá. Porque todo aquele que pede recebe e todo aquele que bate verá a porta se abrir. Que pai dentre vocês dá uma pedra, se o filho pede pão? Ou se pede peixe, em vez de peixe lhe dá uma serpente? Ou se pede um ovo lhe dá um escorpião? Portanto, se vocês que são maus, sabem dar coisas boas aos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo aos que lhe pedirem». — Palavra do Senhor. P. Louvor a vós, ó Cristo.

12 PREGAÇÃO

(No fim, momentos de silêncio para reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE NOSSA FÉ

S. Creio em Deus Pai todo-poderoso,
P. criador do céu e da terra...

14 INTENÇÕES DA COMUNIDADE

S. Irmãos, está escrito: “Todo aquele que pede recebe e todo aquele que bate verá a porta se abrir”. Para que Deus nos ajude a vencer a presunção de esperar só em nós, para que Deus nos ajude a superar nossas dependências e omisões, elevemos nossos pedidos:

L1. Para que o povo cristão faça a passagem do devocionismo interesseiro e infantil para a verdadeira oração, que é união com Deus e seus planos, rezemos ao Senhor.

L2. Para que, em vez de nos interessarmos apenas pelo que Deus pode nos dar, nos preocupemos sobretudo com o que podemos dar na construção do Reino de Deus, rezemos ao Senhor.

L3. Para que nossa união com Deus seja fonte de iluminação e força, a fim de nos doarmos retamente ao trabalho de implantação da justiça fraterna, rezemos ao Senhor.

S. Senhor Jesus, nós hoje vos pedimos, em nossa oração: ajudai vosso povo a ser a vida deste mundo, para fermentarmos as estruturas de injustiça com os ensinamentos de vosso Evangelho. Vós que viveis e reinais com o Pai, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO

1. Nossa prece piedosa, Jesus, sobre o cálice oferecido, será sangue precioso da cruz, do divino Cordeiro vertido.

Com o suor do rosto colhidos, uva e trigo estão sobre o altar, sob a forma de pão e de vinho, na oblação que se vai ofertar.

2. Este pão que foi trigo moído será Corpo de Deus consagrado, dom do céu para a terra trazido, com perdão para todo pecado.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS

S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Oremos: Acolhei, ó Pai, os dons que recebemos de vossa bondade e trazemos ao altar. Fazei que os sagrados mistérios nos santifiquem na vida presente e nos deem força para chegarmos às alegrias eternas. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

17 PREFÁCIO (próprio)

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração): Eis o mistério da fé.

P. Salvador do mundo, salvai-nos, / vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição.

19 CANTO DA COMUNHÃO

1. Depois que Jesus saciou a multidão, multiplicando cinco pães e dois peixinhos, continuou em sua peregrinação, cruzando o mar de Tiberíades sozinho. Mas o povo que comeu e foi saciado, procurando a Jesus e não encontrando, foi em sua busca do outro lado das águas, em seus barcos navegando.

2. Mas Jesus que lia os pensamentos, ao vê-los prontamente argumentou: “Não viestes pelo que fiz até o momento, mas pelo pão que lhes dei e saciou”. “Não trabalheis pela comida que se perde, mas por aquela que dura eternamente, que tem o selo do Pai e que lhes serve de alimento, em caráter permanente”.

3. “Não foi Moisés que lhes deu o pão do céu, mas é o meu Pai que com certeza lhes dará deste pão que é verdadeiro pão de Deus, do céu descendido e que o mundo salvará”. Por várias vezes lhes disse com firmeza: “Eu sou o pão vivo que desci para salvar. É minha carne e o meu sangue, com certeza, que dará vida para quem se alimentar”.

20 AÇÃO DE GRAÇAS

S. Oremos: Recebemos, ó Deus, este sacramento, memorial permanente da paixão de vosso Filho; fazei que o dom de vossa inefável caridade nos ajude a viver o mesmo amor que levou Jesus Cristo a dar sua vida pela nossa salvação. Pelo mesmo nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

RITO FINAL

21 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. A oração está ligada essencialmente à fé. A qualidade da oração depende da qualidade da fé. Fé interesseira se expressa em oração interesseira. Fé infantil se expressa em oração infantilizada e dependente. Fé desligada de Deus desaprende a rezar porque, quando a gente não se fala, vai-se ficando estranha. Fé adulta se expressa em oração adulta, como a oração ensinada por Cristo, no evangelho de hoje: zelosa com Deus, preocupada com a justiça do Reino e engajada no amor aos nossos semelhantes. Esvaziamos tanto a melhor parte do sentido da oração que a transformamos em sinônimo de mero peditório ocasional e casuista. Ela é muito mais que isso: é o alimento de nossa fé. Palavreado não é alimento. Peditório ocasional não é alimento. Alimento é união com Deus, que se realiza através da boa oração.

22 CANTO FINAL

23 BÊNÇÃO FINAL

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: Jr 13,1-11; Mt 13,31-35 /
3ª-feira: leituras próprias: Santa Marta /
4ª-feira: Jr 15,10-16-21; Mt 13,44-46 /
5ª-feira: Jr 18,1-6; Mt 13,47-53 /
6ª-feira: Jr 26,1-9; Mt 13,54-58 / Sábado: Jr 26,11-16-24; Mt 14,1-12 / Domingo: Ecl 1,2c.21-23; Cl 3,1-5.9-11; Lc 12,13-21.

AH, OS BONS TEMPOS EM QUE A IGREJA ERA PODEROSA!

Altamiro, o triunfalista, tem saudades dos bons tempos: "Antigamente a religião dominava tudo. Havia uma Igreja só e a gente não tinha dúvidas. Como é que se pode manter a firmeza da fé, hoje em dia, no meio dessa confusão de tantas religiões diferentes? Parece até que nossa Igreja virou apenas uma igreja como outra qualquer e perdeu a força que tinha".

Continua Altamiro, o triunfalista: "Naqueles bons tempos, se tinha certeza de estar obedecendo à religião verdadeira, pois havia uma só. Agora é uma mistura danada e a gente não sabe mais qual é a certa. Nossa Igreja devia ter mais autoridade e se impor, usando as ameaças de antigamente, a fim de evitar a debandada do povo. Do jeito que vai, vamos acabar perdendo para os protestantes!"

A Igreja, como expressão do Evangelho, nunca dominou nada, muito menos a vida da sociedade. Quem andou dominando foram os profissionais da religião, quando assimilaram o espírito deste mundo. Em algumas épocas, a

Igreja Católica pareceu prevalecer única e poderosa, quando ficou no lado daqueles que sempre prevalecem únicos e poderosos: os donos deste mundo. Na realidade, foi preciso cair a prepotência eclesiástica, para descobrirmos o valor do pluralismo e do respeito ao pensamento do outro.

Sobre o pluralismo religioso, próprio da vida da cidade, dizem as *Pistas para uma Pastoral Urbana*, da CNBB:

"Face ao pluralismo cultural e religioso, que não é somente um dado de fato, mas um valor para o homem da cidade, a Igreja deve, antes de tudo, aceitá-lo plena e sinceramente. Os princípios fixados pelo Concílio Vaticano II, reconhecendo o direito à liberdade religiosa, incentivando o ecumenismo e estimulando o diálogo e a colaboração dos cristãos com todos os homens de boa vontade, são essenciais para nortear a ação da Igreja na cidade.

A aplicação dos princípios leva em conta diversas situações que podem facilitar ou obstaculizar o diálogo:

— em certos casos, a Igreja, empe-

nhando-se na defesa ou promoção de direitos e valores humanos fundamentais, encontra o apoio e a colaboração também de pessoas que não têm fé ou prática religiosa;

— em outros casos, grupos religiosos (mesmo dentre aqueles que assumem sincericamente elementos do catolicismo), levados a uma atitude de competição, acentuam suas diferenças e mesmo adotam atitudes antiecuménicas para com a Igreja Católica.

Em todo caso, a Igreja deve manifestar coerentemente sua fidelidade ao Evangelho e seu ecumenismo, tomando a iniciativa da abertura e do diálogo com os outros. Neste diálogo, a Igreja pode compreender melhor as aspirações do homem urbano e dos diferentes grupos sociais, sendo levada também a modificar aspectos de suas instituições, ritos e modos de agir, menos adequados ao contexto da cidade, porque fruto de um passado diferente".

No grupo: Discuta a afirmação: "O pluralismo cultural e religioso é não somente dado de fato, mas um valor".

MEU DEUS PODE TIRAR A VIDA DA MORTE

(Carlos Mesters, Abraão e Sara, Ed. Vozes)

"O começo do futuro já estava aí, garantido na pessoa de Isaque, menino fraco, apenas nascido. Mas, ao que parece, as coisas ainda não estavam do jeito que Deus as queria. Deus é muito exigente. Diz a Bíblia: "Tempos depois, Deus quis provar Abraão e o chamou: 'Abraão!' Ele respondeu: 'As suas ordens!' Deus disse: 'Toma teu filho, teu único filho, a quem tanto amas, Isaque, e vai com ele até o monte Mória. Lá deves sacrificá-lo a mim, num lugar que eu te indicarei!'"

Sacrificar o filho! Com esta ordem incompreensível, tudo voltou novamente à estaca zero. Foi a terceira pancada que Abraão levou, a mais forte de todas. Após tantos anos de luta, depois que o futuro tinha chegado tão perto, quase ao alcance da mão, tudo desaparece com a morte do filho. Voltou a escuridão, sem um mínimo de luz! O próprio Deus apagou a lamparina e molhou a vela. Acabou-se tudo! Escuridão total! Adeus, povo! Adeus, terra! Adeus, bênção!

Deus tinha insistido tanto para que Abraão tivesse fé! E Abraão teve fé, a ponto de abandonar Eliezer e Ismael. Colocou-se na mão de Deus e caminhou no escuro. Agüentou firme até o fim! Velho já, ele viu nascer o fruto da sua fé, Isaque. E agora, sem nenhuma explicação, Deus pede que Isaque seja sacrificado! O mesmo Deus que fez nascer o futuro pede que este futuro seja eliminado. Não dava para entender! Foi a prova de fogo!

... Não dá para entender! Como um pai pode chegar ao ponto de estar disposto a sacrificar seu próprio filho? São Paulo já refletiu sobre este problema. Ele acha que Abraão deve ter pensado o seguinte: Deus quer que eu sacrifique Isaque e, ao mesmo tempo,

continua prometendo que vou ser pai de um povo através deste mesmo Isaque! Só vejo uma única saída para combinar estas duas coisas: este meu Deus deve ter a força de tirar a vida da morte.

Portanto, mesmo que eu sacrifique Isaque, o menino não vai morrer. Pelo con-

trário! Ele vai viver pelo poder de Deus que vence a morte! Conforme São Paulo, Abraão, na hora de sacrificar o filho, não queria a morte. Queria era o contrário! Apoiando-se na fé de que Deus é capaz de vencer a morte, ele queria garantir para sempre a vida do filho e o futuro do povo!"

MINISTÉRIO DA PALAVRA

OPÇÃO PELOS POBRES: QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA?

A Folha: De vez em quando se ouve e lê que a Igreja, optando pelos pobres, fez uma jogada. Optou pelos pobres, para sobreviver, já que as classes dominantes se tornaram inviáveis. Que acha o senhor desta opinião?

Dom Adriano: Esta opinião é manifestada muitas vezes por pessoas que têm simpatia pela atuação da Igreja no mundo moderno e no Brasil de hoje. Gostam do que chamam "Igreja progressista". Mas interpretam a atitude da Igreja como instinto de conservação: a Igreja muda, para sobreviver; para sobreviver, a Igreja identifica-se com os pobres que brevemente serão a classe dominante. Há também os que interpretam a opção da Igreja pelos pobres como hipocrisia, como política, como tática: para não perder o seu domínio sobre o Povo. Quando este domínio era garantido pelos poderosos e pelos ricos, ela estava com os poderosos e com os ricos. Quando sentiu o esvaziamento desses grupos de poder, bandeou-se para o lado daqueles que ela julgava estarem perto de assumir o poder. Respeito essas e outras opiniões, essas e outras interpretações. Não são elas que vão bloquear a ação da Igreja. Não são elas que vão frustrar aquilo que sabemos, com a certeza da Fé, que é o plano de Deus. Também não pretendo desculpar as fraquezas e pecados da Igreja através dos tempos. Mas uma coisa posso dizer com a experiência de Igreja que tenho vivi-

do desde o Vaticano II: nunca houve grandes sessões conciliares, nas assembleias da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, nos encontros pastorais de que tomei parte a mínima preocupação em mudar de linha e de atitude por medo de perder influência ou na esperança de preservar domínio. A preocupação fundamental tem sido sempre: como ser fiel a Jesus Cristo?

A Folha: Mas esta preocupação não se nota sempre e em toda a parte.

Dom Adriano: Em cada momento de sua longa história a Igreja realiza sua vocação e sua missão. Mas sempre está sujeita a fraquezas e falhas. Quando afirmamos a missão salvífica da Igreja, afirmamos também que ela precisa de Jesus Cristo para se libertar de nossas fraquezas, para ser um testemunho claro do Evangelho. A Igreja é santa e é pecadora. Nós trazemos o pecado para a Igreja. Mas a santidade que Jesus Cristo lhe deu é bastante para preservá-la de uma infidelidade total. Mesmo nos piores tempos da Igreja, nela havia pessoas e grupos que viviam e transmitiam plenamente a grande mensagem do Amor do evangelho. Para a Igreja, isto é: para sua presença no mundo, para sua atuação no mundo, será e ficará sempre um desafio sua fidelidade a Jesus Cristo. Se ela no melhor de si mesma sempre ficou fiel, esta fidelidade foi graça e assistência do Espírito.